

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DURANTE A PANDEMIA DO COVID-19 – POSSÍVEIS LIMITES E POSSIBILIDADES

Nathalia Lisik¹

Kurlan Frey²

Alexandra Franchini Raffaelli³

Janice Rother⁴

Aline Sabino da Silva Paloschi⁵

RESUMO

O foco do presente trabalho está direcionado ao estudo do processo de Alfabetização e Letramento durante a pandemia do COVID-19 – possíveis limites e possibilidades. Neste sentido o trabalho tem como objetivo identificar os possíveis limites e possibilidades no processo de Alfabetização e Letramento durante a pandemia do COVID-19. No decorrer da pesquisa, o estudo aconteceu de natureza teórico-empírica. Em relação ao referencial teórico utilizado para a construção deste trabalho fez-se uso de artigos, livros e sites escolhidos de forma cuidadosa, de qualidade e de veracidade. Na oportunidade utilizou-se da pesquisa de campo para coleta de dados e informações referentes ao tema e ao objetivo proposto, a mesma foi realizada com 10 professoras do ciclo de alfabetização e letramento (1º ano, 2º ano e 3º ano) da rede municipal e estadual de um município do Rio Grande do Sul, onde as mesmas que participaram da entrevista, responderam cuidadosamente cada pergunta. As perguntas estavam direcionadas aos possíveis limites e possibilidades identificadas no processo de alfabetização e letramento durante a pandemia do COVID-19. Contudo, é importante ressaltar a pertinência desse estudo, com o intuito de conhecer quais foram as condições para o processo de ensino-aprendizagem, com o foco na pandemia do COVID-19.

Palavras-Chave: Alfabetização; Letramento; Pandemia Covid-19;

Introdução

No decorrer deste trabalho, pretende-se abordar com ênfase o tema O processo de alfabetização e letramento durante a pandemia do COVID-19 – possíveis limites e possibilidades.

A reflexão em relação à Alfabetização e Letramento é desafiadora, sobretudo quando busca-se estudar o processo de aprendizagem dos educandos no cenário pandêmico com os desafios de inovar em metodologias, de se valer mais intensamente das tecnologias e de utilizar diferentes materiais na mediação pedagógica. A pandemia, é importante mencionar, afetou muitas áreas, mas principalmente a Educação. Em virtude do agravamento e do alto risco de contaminação, os educandos precisaram ficar isolados do convívio social, submetendo-se aos

¹ Estudante do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: nathalialisik1@gmail.com

² Professor do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: kurlan@uceff.edu.br

³ Professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: alexandra@uceff.edu.br

⁴ Professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: janicerother@uceff.edu.br

⁵ Professora do Centro Universitário FAI. E-mail: alinesabino@uceff.edu.br

protocolos da saúde pública na tentativa de se protegerem e de diminuir a disseminação de novos casos do vírus, e desta forma não podendo frequentar presencialmente as aulas.

A questão que surge é voltada para tudo o que foi vivenciado na durante esse período, quais foram os desafios de alfabetizar e letrar crianças neste contexto, aderindo a novas estratégias metodológicas que conseguissem obter o êxito no processo de ensino-aprendizagem da leitura, escrita e interpretação dos educandos. Além disso conhecer quais foram as possibilidades/pontos positivos e os obstáculos/pontos negativos encontrados pelas escolas, educadores, educandos e famílias, bem como refletir sobre a valorização da vida, da presença, do outro, dos sentimentos e das ações.

A escolha do tema surgiu a partir do encantamento pela alfabetização e letramento. A curiosidade também foi aguçada durante os estágios obrigatórios e pela participação nos Programas PIBID e Residência Pedagógica oportunizados pelo Curso de Pedagogia, pois estes programas possibilitaram vivenciar muitas realidades que instigaram a buscar por mais para compreender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem na alfabetização e letramento, e em específico sobre seus desafios durante a pandemia.

Além disso esse tema faz parte de um cenário recente, sendo muito pertinente para a educação estudar e buscar conhecer como as aulas não presenciais foram mediadas, quais os desafios enfrentados pelos educadores, educandos e famílias, bem como os possíveis limites e possibilidades que esse ensino trouxe para o meio educacional na área da alfabetização e letramento e as relações da educação com a tecnologia neste momento de pandemia.

Conhecendo o processo de alfabetização e letramento na pandemia do covid-19

Nesta seção aborda-se através da análise das entrevistas realizadas com educadoras da rede municipal e estadual de um município do Rio Grande do Sul, que trabalharam no ciclo de alfabetização (1º, 2º e 3º ano) durante a pandemia do COVID-19. Foram convidadas a participar da entrevista onze educadoras, porém apenas dez aceitaram participar.

A identidade das educadoras entrevistadas não será revelada, sendo nomeadas na análise com nomes fictícios. Suas respostas encontram-se no decorrer da análise entre aspas e em itálico.

O processo de alfabetização ocorre paralelamente ao letramento, onde além de construir a aprendizagem da leitura e da escrita através da alfabetização, se estimula o uso competente dessas habilidades nas demandas sociais com o letramento, compreendendo suas funções no mundo. A alfabetização vai muito além de codificar e decodificar, envolve também a compreensão daquilo que se lê e que se escreve. Ela vislumbra o letramento, que desenvolve a competência de saber utilizar a aprendizagem no meio social nas mais diversas situações do cotidiano, tornando-a interativa e com significado, pois envolve a realidade vivida.

Estar alfabetizando e ser alfabetizado durante a pandemia do COVID-19 não foi um processo fácil, pois nos primeiros anos escolares o contato presencial é essencial tanto para o educador, quanto para o educando.

Sendo assim, a primeira pergunta feita para as professoras foi: Qual a turma em que você atuou durante o período pandêmico do COVID-19?

As educadoras Carla, Kelly, Ana e Sabrina trabalhavam com o 1º ano, com uma ressalva para a professora Kelly que possuía uma turma multisseriada formada por alunos do 1º ano, 2º ano e 3º ano ao mesmo tempo. Já as educadoras Maria, Eleane e Fabiana atuavam com a turma do 2º ano. E, por fim, as educadoras Júlia, Paola e Luíza trabalhavam com o 3º ano. Desta forma a pesquisa contou com a realidade vivenciada no ciclo de alfabetização, contemplando os três primeiros anos do ensino fundamental.

Diante disso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) traz a importância que os primeiros anos do ensino fundamental trazem para a vida escolar e formativa da criança, enfatizando que:

nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos [...] (BRASIL, 2017, p. 59).

Dando continuidade, a questão seguinte feita as educadoras foi: Em sua concepção, o que é Alfabetização?

A educadora Kelly respondeu que “é a construção interna, é o processo para aprender a ler e escrever, é mais do que decodificar. Não é simplesmente conhecer as letras, eles precisam

saber isso, mas também compreendê-las, além de ler com compreensão. Alfabetização está ligada ao letramento e não é um processo simples”.

De acordo com a Política Nacional de Alfabetização (2019, p. 19), ler com compreensão também é muito importante, pois

A compreensão de textos, por sua vez, consiste num ato diverso da leitura. É o objetivo final, que depende primeiro da aprendizagem da decodificação e, posteriormente, da identificação automática de palavras e da fluência em leitura oral. Outros fatores também influenciam na compreensão, como o vocabulário, o conhecimento de mundo e a capacidade de fazer inferências.

Nesse mesmo sentido, a educadora Eleane comenta que “é um processo de aquisição do sistema de linguagem escrita e oral. A minha concepção é de que a gente tinha uma ideia de que nós éramos professores alfabetizadores, mas com o passar dos anos eu percebi que não, que não somos nós, que é a criança que se alfabetiza, ela que entende todo o processo, assimila como se faz o encaixe das letras e os sons, com a orientação do professor. Mas a mágica da alfabetização não é o professor que faz, é o aluno com as suas potencialidades, com as suas condições”.

Em relação a mesma questão, a educadora Carla respondeu que “a alfabetização é tudo, é a descoberta das letras, do traçado, das sílabas, da junção de letras para formar palavras”, a educadora Ana tem um pensamento muito próximo, dizendo que alfabetização é “oportunizar a criança para que chegue ao mundo da leitura e da escrita, que ela conheça e enriqueça e aperfeiçoe o vocabulário, além da forma oral, mas também de forma escrita”.

Em suma, Oliveira e Silva (2019, p. 02) ressaltam que

A alfabetização é o alicerce para uma educação crítica e emancipadora, a qual é considerada uma fase muito importante que inicia o processo de formação dos alunos, pois ajuda a promover a leitura, a escrita, os conhecimentos, a comunicação, a construção dos saberes e formação de leitores competentes.

Para a educadora Luíza, o conceito de alfabetização “é o domínio da leitura, da escrita e da linguagem matemática, o básico para as pessoas sobreviverem hoje”, assim como para a educadora Fabiana que afirma que alfabetização é “proporcionar o conhecimento de letras, palavras e números”.

Neste sentido, a Política Nacional de Alfabetização (2019, p. 24), afirma que a criança em processo de alfabetização precisa desenvolver habilidades e competências para dominar a leitura, escrita e a matemática, ressaltando que

As principais habilidades de todo o processo de escolarização consistem em ler, escrever e realizar operações matemáticas básicas. Não por acaso o professor alfabetizador também ocupa o importante papel de ensinar habilidades de matemática básica. Além disso, os professores da educação infantil igualmente contribuem para o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, promovendo atividades e jogos que ensinam noções básicas numéricas, espaciais, geométricas, de medidas e de estatística.

No conseguinte a educadora Fabiana resalta que alfabetização, “é o processo de letramento, processo de inserir a criança no mundo da escrita, da leitura, alfabetização matemática, cartográfica”. A educadora Júlia também citou que “alfabetização é letramento também, é preciso ensinar a ler, escrever e a entender o mundo ao seu redor, a criança tem que saber interpretar o mundo”. Ou seja, inserir-se no mundo, conhecê-lo e transformá-lo.

A terceira pergunta feita as professoras foi: Na sua opinião, o que significa letramento?

A entrevistada Eleane, ressaltou que “é além do juntar letras e formar palavras, é dar a possibilidade para a criança fazer uma leitura diferente de mundo, isso faz com que ela observe o mundo lá fora e crie elos com o que ela aprende na escola, com as situações que vive na sociedade, na família e no grupo de amigos”.

Em relação ao exposto Almeida e Farago (2014, p. 14), ressaltam a importância de desenvolver práticas que ligam os dois processos, o de alfabetizar e letrar, estabelecendo conexões daquilo que a criança aprende na escola e no contexto social, assim

As reflexões acerca da alfabetização e do letramento nos revelam a necessidade da vinculação dos dois termos na prática pedagógica alfabetizadora, de modo que o trabalho pedagógico desenvolvido na escola contemple uma proposta de “alfabetizar letrando”, onde o ensino e a aprendizagem do código estejam associados pelas práticas sociais de utilização da escrita. Contudo, em uma sociedade letrada, não basta apenas aprender ler e escrever, é preciso praticar socialmente a leitura e a escrita, compreendendo as finalidades entre os diversos contextos de letramento.

De acordo com a educadora Kelly, letramento “é o uso dos conhecimentos no mundo, compreender as coisas presentes no mundo (ler uma placa, saber para que serve um livro, para que serve um convite)”. A educadora Sabrina relata que “é o mundo que eles vivem desde

cedo, experiências dentro da casa (nos números, horas do relógio, na receita do bolo da mãe), contato com o mundo letrado”.

A educadora Júlia defende que estar letrando é saber “interpretar o mundo, não basta apenas a criança aprender a ler, ela tem que entender o que ela está lendo”. No mesmo pensamento, Fabiana define que “alfabetização e letramento andam juntos, não é só saber ler e escrever, letramento é saber usar no seu dia a dia, é interpretar as coisas do mundo”.

De acordo com Almeida e Farago (2014, p. 10), o letramento desempenha um papel importante para a formação dos educandos. Sendo assim,

O letramento é conhecido como um estudo de quem exerce práticas sociais de leitura e escrita de quem participa de eventos em que a escrita é integrante no processo de interpretações, interações, atitudes e competências discursivas e cognitivas que trás um diferenciado estado de inserção em uma sociedade letrada.

Dando continuidade, realizou-se o seguinte questionamento: Para você, quais foram os principais limites e as possibilidades que a pandemia do COVID-19 trouxe para o processo de Alfabetização e Letramento?

A educadora Carla ressalta que “o que a pandemia trouxe de limites foi a falta de rotina, a falta do professor, da presença da família, falta do celular como recurso nas aulas. E as possibilidades que a pandemia trouxe foram mais sentimentos bons para as pessoas, desenvolveu nas pessoas a paciência, o amor, a compreensão, o reconhecimento”.

De acordo com Silva et al. (2020, p. 319) “[...] os desafios dessa modalidade de ensino ainda são grandes, pois é caracterizada pela falta de recursos, tanto material/físicos [...]”.

Segundo a educadora Júlia, “os limites que ela trouxe foi a falta do acompanhamento e ajuda dos pais nas atividades, falta da presença dos pais no dia a dia das crianças e as lacunas na aprendizagem. E para mim ela não trouxe nenhuma possibilidade”.

Cada realidade vivenciada possui suas particularidades, nem todas as escolas tiveram êxito no ensino e na participação colaborativa das famílias com esse ensino distante da escola. É possível notar a falta que o auxílio da família deixa no aprendizado do educando, porém, é preciso analisar a realidade de cada família e buscar entender os motivos pelos quais não estiveram tão presentes neste momento.

Para a educadora Kelly esse foi um período muito conturbado, pois “foi muito difícil, desafiador. O ponto que mais senti que foi limite, é essa falta de estar junto com os alunos, do

contato próximo, e um ponto positivo talvez, quem sabe, o relacionamento com as pessoas, a valorização do estar presente”.

Além disso, a pandemia fez com que todas as pessoas refletissem sobre tudo o que estava acontecendo, aprendendo a valorizar ainda mais a vida, mudando atitudes, reconhecendo prioridades e desenvolvendo empatia pelo outro.

Ainda, a educadora Eleane ressaltou que esse período “foi um desafio muito grande, professores se desafiaram, entraram no mundo de cada criança, aumentou a responsabilidade, apresentando isso como possibilidades. Já os limites foram as lacunas na aprendizagem e a falta da presença em sala de aula”.

O papel do educador durante as aulas remotas na pandemia foi de grande responsabilidade, pois ele precisou planejar suas aulas tentando abranger ao máximo todas as realidades vividas pelos educandos, utilizando tecnologias ou material impresso, além de imaginar uma possível consolidação da aprendizagem de cada aluno, sem saber muitas vezes das suas dificuldades e do que já estava conseguindo fazer com mais facilidade, e ainda, sem conseguir intervir de forma mais próxima para auxiliar.

A educadora Paola comenta que “os principais limites encontrados foram trabalhar conteúdos novos, falta de presença dos pais para auxiliar, não ter aluno na sala. E a possibilidade, foi o envolvimento da escola com a família, esse elo esteve mais forte”.

Miranda et al. (2020, p. 07), a educação passou por “[...] dificuldades como falta de participação e devolutiva das atividades pelos discentes, além do impedimento em avançar nos conteúdos em decorrência dos estudantes não compreenderem assuntos ministrados remotamente”.

Para a educadora Ana, “a maior limitação foi quanto a dificuldade do uso dessas novidades tecnológicas, a dificuldade em usar o Google Meet, tanto para a escola, quanto para o professor, família e criança, e uma possibilidade foi aproveitar esse momento para aprender”. A educadora Sabrina, comentou que “a falta de aparelhos tecnológicos, a falta de acesso à internet, dificuldades de acesso a plataforma Google Classroom e atividades que não eram respondidas pelas crianças, foram os principais limites, e a possibilidade foi a maior presença dos pais”. E por fim e na mesma linha de pensamento, para a educadora Luíza, “os limites que existiram foi se deparar com a distância, a falta de aparelhos tecnológicos e a dificuldade de

acesso na plataforma virtual, e como possibilidades, retomar os estudos e iniciar o uso das tecnologias”.

Sendo assim, cabe salientar que ambas as professoras tiveram dificuldades em acessar as plataformas digitais, pois como bem relataram não fazia parte da rotina delas, ou seja, essas tecnologias foram impostas com a chegada da pandemia.

Na continuidade, outra pergunta foi dirigida às educadoras: Quais foram as estratégias metodológicas que foram utilizadas durante a pandemia do COVID-19?

Em relação à pergunta, a educadora Carla disse que “as metodologias que fiz uso foram as apostilas com entregas a cada oito dias, jogos, grupo de WhatsApp, áudio com explicações de atividades, enviava vídeos disponíveis na internet sobre cada letra/som e gravava vídeos com explicações do material da aula, além de mandar para casa material concreto sobre a matemática, as letras, as famílias silábicas e jogos para montar palavras”. Kelly relatou que “a minha metodologia se tratou de material impresso e entregue quinzenalmente, usei o grupo de WhatsApp onde mandava áudio explicando as atividades do material impresso que era dividido por dia, e então todo dia no horário “normal” de aula eu mandava áudios explicando as atividades do dia, gravava áudio fazendo o som das letras e junção silábica, mandava vídeos, histórias, jogos e também usava a plataforma Google Classroom”, ressalta a educadora.

As duas educadoras tiveram relatos parecidos, sendo que as mesmas utilizaram material impresso, além de usar o WhatsApp como uma das principais ferramentas tecnológicas para gravar áudios e vídeos com explicações das atividades, e ainda mandavam jogos e atividades concretas, com um olhar diferente para a segunda educadora que conseguiu usar uma outra plataforma. Neste sentido.

Eleana ressaltou que “eu fazia sempre duas horas diariamente de aula no Google Meet, os alunos levavam material impresso quinzenalmente e faziam em tempo real as atividades destinadas para cada dia da semana. Sempre busquei trabalhar com aquilo que os alunos tinham em casa, fazia brincadeiras e jogos, como por exemplo, procure na sua casa uma fruta que comece com a letra M, e se eles não tinham a fruta eles traziam outro elemento ou objeto que tinha a presença da letra M. Busquei trabalhar com materiais alternativos, como o Cheetos da leitura com palavras, alternativas para interagirem. Além disso eu usava o Google Classroom, gravava as aulas e depois disponibilizava na plataforma, e ainda comecei a utilizar a plataforma digital elefante letrado”, comenta a educadora.

É interessante relatar que a educadora fez uso de diversas metodologias para mediar a aprendizagem na pandemia, visto a necessidade de contemplar os alunos com mais de uma ferramenta de ensino.

Fabiana relatou que “a metodologia que trabalhei envolveu o uso de apostilas que eram entregues uma vez por semana, fiz sondagem inicial para compreender como estava a aprendizagem dos alunos, mandava vídeos da internet sobre o conteúdo, gravava vídeos explicando atividades, mandava histórias em material impresso e fiz o uso do WhatsApp. Trabalhei com projetos e adaptei atividades para alunos que possuíam dificuldades”, afirma a educadora.

Diante do exposto, Silva (2022, p. 09) comenta um pouco mais sobre essa questão, enfatizando que

“foi perceptível por meio de sondagens diagnósticas relacionadas às hipóteses de escrita das crianças, verificar os avanços no processo de alfabetização e letramento, por meio das ferramentas tecnológicas utilizadas para possibilitar a continuidade das aulas e interação dos professores com seus estudantes, mesmo à distância”.

Em relação à metodologia, a educadora Ana enfatizou que “usava muito contato telefônico através de ligações e também conversava bastante com as famílias nos grupos de WhatsApp. Usei o Google Meet para mediar as aulas que durava em torno de uma hora e trinta minutos, além de mandar apostilas quinzenalmente, as atividades da apostila eram divididas para serem realizadas diariamente”.

Assim, conforme o exposto, a educadora conseguiu utilizar variadas ferramentas para mediar as aulas, mas destaca-se uma específica, que é o google meet, pois em sua realidade os alunos tinham acesso à internet e conseguiam participar das aulas.

A educadora Luíza comentou, “fiz uso de material impresso entregue quinzenalmente (muito bem descrito, o que fazer, como fazer, tudo bem explicado), depois utilizei a plataforma Google Classroom, onde postava materiais, realizava videochamadas em tempo real no Google Meet, onde as aulas transmitidas duravam em torno de duas horas por dia e utilizei o grupo de WhatsApp com os pais”. Por fim, a educadora Sabrina relatou que fez uso de “material impresso entregue semanalmente, usei grupo de WhatsApp com os pais, fiz uso do Google Classroom, usei o Google Meet só no primeiro dia para explicar para os pais como as aulas

começariam a acontecer, mas pela baixa participação parei de usar. Mandei também material concreto para casa, uma tabelinha da família silábica e um jogo dos números”.

Em relação ao exposto, é perceptível que ambas as educadoras mediaram suas aulas de maneira parecida, as duas utilizaram material impresso, a plataforma virtual e o grupo de WhatsApp, porém a educadora Sabrina ainda utilizou de jogos referentes ao processo de alfabetização e letramento.

Posteriormente, outra pergunta foi feita as professoras: Você fez uso da tecnologia durante a pandemia? Se sim, qual foi o seu maior desafio na inserção da tecnologia no processo de Alfabetização e Letramento?

A educadora Carla deu a seguinte resposta, “sim, eu usei e não foi fácil, eu não tinha tanta facilidade no uso, mas com isso eu aprendi muito, foi desafiador”. A educadora Eleane confessou que “era novidade, tive o desafio de vencer o medo e aprender a acessar a plataforma”. Já a educadora Ana comentou que “de certa forma fomos forçados a usar, aprendemos a lidar com as chamadas de vídeo e sempre que necessário eu pedia ajuda”. Ainda, as educadoras Sabrina, Kelly e Fabiana responderam com concordância, dizendo que usavam e que “foi um desafio, principalmente pela má qualidade da internet”.

Silva, Petry e Uggioni (2020, p. 22) estavam certos quando diziam que [...] algumas dessas insuficiências são a falta de formação específica para professores e o entendimento por parte da sociedade e o precário acesso da comunidade escolar a recursos tecnológicos, como computadores e internet de qualidade”.

Com relação a isso, a educadora Luíza respondeu “sim, usei. Foi um desafio, a plataforma chegou e tivemos que aprender a usar sozinhos, depois veio um curso do governo em que aprendi a fazer muita coisa e a entender melhor a plataforma, mas como era tudo muito corrido, muitas documentações para comprovar que as aulas estavam acontecendo não consegui acompanhar o curso em tempo real”.

As educadoras Júlia e Paola tiveram respostas unânimes, dizendo que não fizeram o uso de nenhuma tecnologia, nem mesmo o grupo de WhatsApp com as famílias. Por aproximação de respostas, a educadora Maria relata também que não fez o uso de tecnologias para mediar as aulas, porém recebia ligações das famílias dos alunos para esclarecer dúvidas sobre as atividades.

Em muitas realidades, muitos educadores não realizaram aulas usando a internet. Sendo assim Costa e Nascimento (2020, p. 03) ressaltam que

Mesmo as que possuem acesso, as condições em que vivem e são submetidas se mostram, muitas vezes, desfavoráveis à aprendizagem. Muitos têm sido os esforços em mitigar essa carência através da disponibilização de material impressos encaminhados aos alunos sem acesso à internet.

Em seguida, foram questionadas com a pergunta: E para as famílias, como foi fazer uso da tecnologia para mediar o processo de ensino?

A educadora Carla respondeu que “as famílias só tiveram acesso às tecnologias através do grupo de WhatsApp, todos tinham acesso, acredito que foi bem tranquilo”. Ainda, a educadora Sabrina menciona que “o WhatsApp é o que mais funcionou, porque é o dia a dia deles, mandavam fotos e vídeos sobre dúvidas nas atividades, nem todos os pais eram presentes e não buscavam material impresso, tendo que o diretor levar em suas casas”.

A educadora Ana relatou que “foi bem difícil para as famílias, alguns pais adquiriam equipamentos, muitas vezes faziam as atividades com seus filhos em outros turnos das aulas, pois era o momento em que conseguiam. Quase todas as crianças retornavam as apostilas, mas no Google Meet nem todos conseguiam participar por falta de condições, de tempo e de aparelhos tecnológicos, vale ressaltar que ficavam muito dispersos no Google Meet”.

Lopes et al. (2020, p. 22), ressaltam sobre a importância do retorno das atividades impressas, enfatizando que

O retorno das atividades é fundamental para que os professores acompanhem como está sendo o desenvolvimento do aluno, e quais atividades estão alcançando o objetivo esperado e quais precisam ser melhoradas. Para isso, é necessário que os pais, além de acompanharem as atividades, se organizem para feedback junto às escolas.

Em relação à questão, a educadora Luíza declarou que “o grupo do WhatsApp funcionou muito bem, a plataforma também deu certo, porém nem todos tinham acesso à internet, o que acabou dificultando esses momentos. Nem todos tinham aparelhos tecnológicos para fazerem as aulas, muitas vezes a família só tinha um celular e os pais tinham que trabalhar e usar esse aparelho e a criança não tinha como participar da aula”. A educadora Kelly expôs que “para as famílias fazer o uso da tecnologia não foi fácil, muitas não disponibilizavam celular, nem

notebook, e o acesso era ruim, muitas vezes nem faziam questão de cobrar os filhos para fazerem as atividades”.

Arruda, Silva e Bezerra (2020, p. 05) comentam sobre a dificuldade com as tecnologias e aos aparelhos tecnológicos, dizendo que

É possível perceber publicações com referências as barreiras que tanto o educador quanto o educando vivenciam no uso das tecnologias. Bem como relatos que em algumas comunidades não se tem acessibilidade alguma a internet, impossibilitando assim, que os alunos prossigam com seus professores no processo de aprendizagem e quando têm o acesso, o aluno não possui os dispositivos eletrônicos, o que o impede de acompanhar a rotina de aulas.

Posteriormente, a pergunta feita a elas foi: Como foi a adaptação dos educandos para as diferentes metodologias utilizadas no decorrer do período pandêmico?

A partir das considerações da educadora Carla, foi possível entender que “para os alunos não tinha muita coisa diferente, somente iriam responder as atividades, copiar textos no caderno e mandar foto para a professora, a dificuldade era de não ter a professora para ajudar, a falta do toque da professora”.

De acordo com Costa e Nascimento (2020, p. 02), “Os educadores tiveram que se reinventar para conseguir dar aula à distância através do ensino remoto e os alunos a vivenciarem novas formas de aprender, sem o contato presencial e caloroso da figura do professor”.

Para a educadora Júlia, “as crianças sentiram muitas dificuldades, as famílias não acompanhavam, existia muita falta de rotina de estudos, eu fazia atendimento presencial com todos os cuidados em relação à pandemia com algumas crianças que moravam perto para tentar auxiliar. Para as crianças que tinham dificuldade fazia outro planejamento com atividades adaptadas”. Diante do que foi exposto, Vieira (2020, p. 119), comenta sobre a necessidade de uma organização nas aulas durante a pandemia, para que os educandos atinjam os objetivos de aprendizagem, evidenciando que

No EF - Anos Iniciais - é apontada a importância de uma boa estruturação para que se atinja a aquisição e consolidação das habilidades básicas do ciclo de alfabetização, sugerindo que as redes de ensino e escolas orientem as famílias com roteiros práticos e estruturados para acompanhamento da resolução de atividades pelas crianças, mas, nas soluções propostas, deve estar claro que os pais irão apenas mediar as atividades e não substituir o papel do(a) professor(a), ou seja, as atividades não presenciais

propostas devem delimitar o papel dos adultos que convivem com os alunos em casa e orientá-los a organizar uma rotina diária.

A educadora Kelly afirmou que “os alunos tinham muitas dúvidas, muitos não buscavam e não entregavam as atividades, tive que ir levar em suas casas as atividades impressas, algumas famílias reclamavam da quantidade, sendo que todas as atividades eram divididas para serem realizadas diariamente, e que se os alunos estivessem na escola fariam muito mais atividades, realmente não foi fácil”.

Miranda et al. (2020, p. 10), fala sobre a ausência da família no processo de ensino

Além de outras adversidades como distração, dificuldade de compreensão e assimilação dos conteúdos e inexistência de um ambiente adequado aos estudos, que por sua vez influencia no rendimento acadêmico do aluno, como também a falta de motivação e acompanhamento da família nesse processo contribuindo para acentuar as dificuldades durante as aulas remotas

Segundo a educadora Eleane, “os alunos acharam uma novidade, mas gostavam, ouve sim muita dificuldade e muitos alunos não conseguiam escrever em letra cursiva”.

A introdução da letra cursiva nessa etapa foi desafiadora, pois de certa forma o educador precisava explicar passo a passo do traçado de cada letra e ainda auxiliar cada aluno no momento da passagem da letra script para a cursiva.

A educadora Fabiana disse que “foi algo novo, é diferente os pais estarem ensinando, porque muitas vezes eles nem sabiam direito explicar para a criança, querendo ou não, é diferente de quando o professor ensina, acredito que os alunos também sentiram falta da interação enquanto colegas, turma, então em relação a isso sentiram dificuldades”. O que reforça a importância do convívio para a aprendizagem.

Para a educadora Paola “foi bem desafiador, não tinha muita participação, eles tinham bastante dificuldade, e muitas vezes os pais trabalhavam longe e não conseguiam auxiliar os filhos”. Da mesma forma, a educadora Sabrina relatou que “sentiram muitas dificuldades, principalmente no que envolvia a internet, pela questão do acesso, e também nas atividades impressas, pois os pais tinham dificuldade em auxiliar seus filhos”.

Devido a isso, Miranda et al. (2020, p. 10), ressalta que “para os discentes as principais dificuldades são a ausência de internet, aparelhos tecnológicos como Notebook, Computador, etc. No qual, na maioria das vezes, o único recurso tecnológico acessível é o celular”.

Já a educadora Ana comentou que “para eles era uma alegria estar no Google Meet, conversar com a professora e os colegas, se adaptaram facilmente com as novidades, faziam as atividades da apostila muitas vezes em tempo real junto com as aulas no Google Meet”. Para os alunos que tinham acesso à internet e tiveram aulas virtuais, eles conseguiram “matar” a saudade dos colegas e educadores, pois podiam vê-los, conversar com eles, participar de atividades juntos, e ainda ter um momento de descontração.

A entrevistada Luíza afirma que “a criança tem a cabeça muito aberta, é uma geração que já está acostumada com o uso da internet para momentos de lazer, acredito que foi tranquilo. Já no material impresso eles tinham bastante dificuldade, sempre mantinham contato comigo para tirar dúvidas”.

Assim como ressalta a educadora, os educandos fazem parte da geração tecnológica, o que facilita o uso das mesmas por parte deles vinculadas à educação, não só para lazer. Porém, atividades impressas sem o auxílio do educador já se tornam mais complexas para os educandos.

Para finalizar, realizou-se a última pergunta as educadoras: Em sua opinião, quais são os pontos positivos ou negativos para o processo de Alfabetização e Letramento que a pandemia deixa como legado?

Respondendo a essa pergunta a educadora Carla citou “como ponto negativo a falta da figura do professor, a falta de convivência e de alimentação que muitas crianças só tinham na escola, e como ponto positivo, a compreensão, o amor ao próximo, a atenção diferenciada e o carinho”.

Já a educadora Júlia afirmou que “só trouxe pontos negativos para as escolas, porque as crianças precisam estar na escola para aprender, precisam estar inseridos na sala de aula, no grupo para aprender. Ficaram muitas lacunas na aprendizagem, atualmente nota-se crianças que não se adaptam a rotina da escola, crianças com sobrepeso, ansiedade, com problemas de estar em sala de aula”. A opinião da educadora Maria, não é diferente. Para ela a pandemia só trouxe pontos negativos, “pois houve a falta da presença do professor com o aluno para sentir e ajudar nas suas dificuldades”. A educadora Sabrina também ressaltou que “ponto positivo, para a minha realidade, não teve nada, mas já como negativo foram essas lacunas deixadas, a desmotivação, a desconcentração, os alunos estavam sem direção para seguir, perdidos”.

Sendo assim, Chudzij (2020, p. 22) ressalta que

O mundo ficou doente. A pandemia do COVID-19 trouxe à tona os melhores e os piores sentimentos das pessoas. De um lado, há o individualismo, ansiedade, depressão, insegurança, falta de empatia. No entanto, também descobrimos uma nova forma de amar. Uma forma de amor a distância. Ajudar o próximo sem ver a quem.

Para a educadora Kelly “não teve muita coisa positiva, mas é possível dizer que os professores se aprimoraram, porém em meu ponto de vista foi perceptível que a inovação não surtiu muito efeito. Como ponto negativo foi a presença de muita dificuldade e essa distância do professor”. Da mesma forma, educadora Luíza mencionou que “negativo foi a distância do professor e dos colegas, pois eles aprendem brincando, com os colegas e na escola, e também a lacuna aprendizagem. E como ponto positivo o uso da tecnologia, voltar a estudar, valorizar a divulgação do trabalho desenvolvido”. De acordo com a educadora Fabiana, “os pontos positivos foram essa experiência, o uso da tecnologia e a aproximação maior dos pais e escola. E como ponto negativo foi a defasagem na aprendizagem, o distanciamento da professora e da escola e essa lacuna na aprendizagem”.

É visto que, para aqueles educadores que não possuíam muita propriedade nas tecnologias tiveram que buscar conhecimentos, para melhorar o seu desempenho no uso e qualificar as atividades no ensino remoto. Portanto, Lopes (2020, p. 23) relata que, “No meio educacional, a grande maioria dos professores aperfeiçoou seus conhecimentos tecnológicos e uso das plataformas digitais para melhor desenvolver atividades com seus alunos”.

Segundo a educadora Eleane, “o ponto positivo foi sair da zona de conforto, conhecer e usar novas metodologias, e negativo embora todo o esforço pouco se pode fazer. Diante de tudo que vivemos foi possível perceber que o professor é insubstituível”. A educadora Ana mencionou como ponto positivo as facilidades e possibilidades que a tecnologia trouxe, “já negativos foi a ausência do afeto, do contato, das palavras positivas e motivadoras. Com essa experiência que tivemos foi possível ver que professor não é substituído por tecnologia”.

Sabe-se que a tecnologia já é integrante do mundo e está presente nas mais diversas esferas sociais, inclusive na educação. É compreensível que ela veio para ficar, porém não irá substituir o importante papel do professor, que além de mediar conhecimentos, é um ser humano que possui sentimentos, é dinâmico, identifica problemas e propõe alternativas para mediá-lo. Educador é uma figura imprescindível em todo contexto educacional.

A educadora Paola relatou que “como ponto positivo foi que todo mundo aprendeu mais sobre saúde e que os alunos não esqueceram totalmente da escola. Já como ponto negativo é que os alunos não são mais os mesmos, muitas lacunas na aprendizagem, dificuldades no comportamento, muitos obstáculos”.

Bonavides e Cambi (2020, p. 06) aborda como esse impacto da pandemia fez as pessoas repensarem sobre a vida, enfatizando sobre experiências

[...] as quais representam reflexões importantes para pensar este momento ímpar na experiência de todos nós, e que pode ser uma oportunidade de mudança de hábitos, de exercício da resiliência, de valorização da saúde, dos laços familiares e de amizade, bem como do aperfeiçoamento do trabalho, resignificação da solidariedade e abandono de práticas opressivas no meio social.

Diante do que foi explanado, é importante perceber que os autores retratam a realidade vivida pelos educadores durante a pandemia, e os mesmos exemplificam suas características e lhe dão dicas de como proceder com suas ações. Além disso, com as entrevistas foram detectados diversos aspectos, onde foi possível compreender dificuldades e adquirir conhecimento com base nas vivências desses profissionais que tiveram que se reinventar durante a pandemia no processo de alfabetização e letramento.

Considerações Finais

Chegando à etapa final deste trabalho, através de muito estudo, leituras e pesquisas o objetivo proposto foi atingido, pois foi possível conhecer como ocorreu o processo de alfabetização e letramento no contexto da pandemia, na rede municipal e estadual de um município do Rio Grande do Sul.

Em suma, acredita-se que o presente trabalho possa provocar um olhar sensível para a realidade vivida por todos os contextos neste período e que inspire a realização de mais pesquisas sobre a educação, mais especificamente sobre a alfabetização e letramento na pandemia. A essência do mesmo foi trazer tudo que foi vivenciado no período em que as escolas estavam fechadas, quais foram as metodologias utilizadas na mediação das aulas, quais foram os desafios e as possibilidades trazidas para os educadores, educandos e famílias, e quais foram os pontos positivos e negativos evidenciados nesse momento atípico no processo de

alfabetização e letramento. Além disso, procurou evidenciar que a pandemia fez com que o lado “humano” das pessoas fosse tocado, refletindo sobre os sentimentos, ações, prioridades, valorização e o sentido da vida.

Refletindo sobre o processo de alfabetização e letramento e o que foi vivenciado na pandemia, percebe-se o quão importante é a educação e como estar distante dela faz falta. Temos muitas memórias tristes guardadas desde que tudo começou no ano de 2020 aqui no Brasil, e com certeza, esses momentos durante este período são lembranças que ficarão marcadas para a vida toda. É possível dizer que no início desse mundo desconhecido que era a pandemia, ninguém sabia ao certo como agir, o que fazer e como continuar o processo de ensino-aprendizagem. Porém, como a educação é transformadora e ultrapassa barreiras, ela conseguiu passar pelos obstáculos trazidos pela pandemia através de uma ligação ainda mais forte entre família e escola, o que gerou um aprendizado e uma gratidão imensa.

Foi enriquecedor realizar esse trabalho, gratificante poder estudar e aprofundar-me em um tema tão encantador, atual e que trouxe um momento marcante na história da educação. E agora, quais são os desafios pós pandemia no processo de alfabetização e letramento?

Referências

ALMEIDA, Vanessa Fulaneti de Almeida; FARAGO, Alessandra Corrêa. **A importância do letramento nas séries iniciais**. 2014. Disponível em:

<https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074426.pdf>. Acesso em: 10 setembro 2022.

ARRUDA, Graziela Queiroz de; SILVA, Joelma Santana Reis da; BEZERRA, Maria Aparecida Dantas. **O uso da tecnologia e as dificuldades enfrentadas por educadores e educandos em meio a pandemia**. 2020. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID2426_04092020084651.pdf. Acesso em: 06 agosto 2022.

BONAVIDES, Samia Saad Gallotti; CAMBI, Eduardo. Covid-19: uma oportunidade de ressignificação da nossa humanidade. In: CAMBI, Eduardo. **Pandemia da Covid-19: reflexões sobre a sociedade e o planeta**. Curitiba: 2020. Disponível em:

https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/Image/publicacoes/PandemiadaCovid-19Reflexoes_sobreasociedadeeoplaneta.pdf. Acesso em: 13 agosto 2022.

- BRASIL, **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. 2017. Disponível em:
http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.
Acesso em: 09 maio 2022.
- CHUDZIJ, Luisa Fófano. “Vendo-Se”. In: CAMBI, Eduardo. **Pandemia da Covid-19: reflexões sobre a sociedade e o planeta**. Curitiba: 2020. Disponível em:
https://escolasuperior.mppr.mp.br/arquivos/Image/publicacoes/PandemiadaCovid-19Reflexoes_sobreasociedadeeoplaneta.pdf. Acesso em: 12 outubro 2022.
- COSTA, Antônia Érica Rodrigues; NASCIMENTO, Antônio Wesley Rodrigues do. 2020. **Os desafios do ensino remoto em tempos de pandemia no Brasil**. Disponível em:
https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD4_SA19_ID6370_30092020005800.pdf. Acesso em: 21 agosto 2022.
- LOPES, Maria Rúbia Soares de Moura et al. **A importância da família no processo e aprendizagem em tempos de pandemia**. 2020. Disponível em:
https://facunicamps.edu.br/cms/upload/repositorio_documentos/259_A%20IMPORT%C3%82NCIA%20DA%20FAM%C3%8DLIA%20NO%20PROCESSO%20DE%20APRENDIZAGEM%20EM%20TEMPOS%20DE%20PANDEMIA.pdf. Acesso em: 19 julho 2022.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Política nacional de alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/images/banners/caderno_pna_final.pdf. Acesso em: 11 setembro 2022.
- MIRANDA, Kacia Kyssi Câmara de Oliveira et al. **Aulas remotas em tempos de pandemia: desafios e percepções de professores e alunos**. 2020. Disponível em:
https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID5382_03092020142029.pdf. Acesso em: 14 agosto 2022.
- OLIVEIRA, Naiara Ferreira de Barros; SILVA, Diego da. **A importância da alfabetização e do letramento**. Disponível em: <file:///D:/Usuario/Downloads/567-Texto%20do%20artigo-3365-1-10-20191002.pdf>. Acesso em: 25 setembro 2022.
- SILVA, Karine Pereira da Costa e et al. Quem são e onde estão os sujeitos da eja? um diálogo sobre seu percurso escolar. In: PALÚ, Janete, SCHÜTZ, Jenerton Arlan, MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: 2020. Disponível em:
<file:///D:/Usuario/Downloads/Livro%20->

%20DESAFIOS%20DA%20EDUCACAO%20EM%20TEMPOS%20DE%20PANDEMIA%20(2).pdf.

Acesso em: 10 setembro 2022.

SILVA, Luiz Alessandro da; PETRY, Zaida Jeronimo Rabello; UGGIONI, Natalino. Desafios da educação em tempos de pandemia: como conectar professores desconectados, relato da prática do estado de Santa Catarina. In: PALÚ, Janete, SCHÜTZ, Jenerton Arlan, MAYER, Leandro. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: 2020. Disponível em: file:///D:/Usuario/Downloads/Livro%20-

%20DESAFIOS%20DA%20EDUCACAO%20EM%20TEMPOS%20DE%20PANDEMIA%20(2).pdf.

Acesso em: 19 setembro 2022.

SILVA, Polena Valesca de Machado e. **Alfabetização e letramento em tempos de pandemia: relatos de experiência durante o ensino remoto**. 2022. Disponível em:

file:///D:/Usuario/Desktop/NOVOS%20TEXTOS%20TCC%20II/64568-235220-1-PB.pdf. Acesso em: 22 outubro 2022.

VIEIRA, Alexia Júlia Lima. A educação não pode parar: refletindo sobre desafios e aprendizados na educação básica brasileira em meio à pandemia. In: RODRIGUES, Janine Marta Coelho; SANTOS, Priscila Morgana Galdino dos. **Reflexões e desafios das novas práticas docentes em tempos de pandemia**. João Pessoa: 2020. Disponível em:

<http://www.ccta.ufpb.br/editoraccta/contents/titulos/educacao/reflexoes-e-desafios-das-novas-praticas-docentes-em-tempos-de-pandemia/reflexoes-e-desafios-das-novas-praticas-docentes-em-tempos-de-pandemia.pdf>. Acesso em: 28 setembro 2022.